

(An)danças filosóficas: errâncias entre filosofias, imagens e educação

Cristiane Fátima Silveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
cristianesilveirapedagogia@gmail.com

Mariana Pereira dos Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
pereirads.mariana@gmail.com

Resumo

O trabalho a seguir apresenta uma experiência artístico-filosófica que, entre imagens e perguntas, propõe a atividade de caminhar sem destino fixo – com o corpo e o pensamento – como forma de estudar, pensar, criar e educar. Inspiradas no conceito de errância (KOHAN, 2013), demos à luz o projeto “(An)danças Filosóficas” e seus posteriores desdobramentos na oficina “Foto(grafar): um exercício de inventar?” e na exposição “(An)danças filosóficas: um convite a imagens em errância”. A partir da percepção da fotografia enquanto um exercício de invenção, buscamos habitar os territórios com sensibilidade e escuta atenta, acreditando que o caminhar pelos encontros (im)possíveis entre as imagens, as filosofias, as artes e a educação se construiria na própria experiência. Como projeto errante, sem destino prévio, assumimos desde já o inacabamento e a abertura como pontos de partida, com o intuito de que nossas “(an)danças” encontrem a cada novo território um ponto para (re)começar a caminhada. E partindo desse pressuposto, acreditamos na potência do evento como “disparador” de novas perguntas, fotos, grafias e encontros.

Palavras Chave: fotografia; filosofia; arte; educação; errância.

Introdução

Há quem caminhe para chegar a um destino final. Mas e se caminhar fosse um modo de estudar, pensar, criar, educar e até mesmo uma disposição a partir da qual se existe no mundo? Com esse questionamento, viemos, ao longo dos últimos anos, dançando com o pensamento por diferentes espaços e temporalidades. Enquanto aprendizes-cartógrafas habitamos os territórios por onde estivemos com sentidos abertos, escuta atenta e sensível, acreditando que o percurso dessa imersão pelo encontro entre as imagens, as filosofias, as artes e a educação se construiria no próprio caminhar. Nesse trânsito, surge o “(An)danças Filosóficas”, um projeto “guarda-chuva” inventado por nós, o qual abriga, até o presente momento, dois subprojetos: a oficina “Fotografar: um exercício de inventar” e a exposição “(An)danças filosóficas: um convite a imagens em errância”.

Nesta aventura, partimos – sem destino – do conceito de *errância*, pensado aqui como “conhecimento de causa do que não se tem, do que não há certeza, do erro que faz inventar” (KOHAN, 2013, p. 14), como condição de quem “não se conforma com um estado de coisas ou alguém para quem as coisas não têm estado fixo” (KOHAN, 2013, p. 60). O nosso objetivo se encontra não apenas em desbravar o desconhecido, mas também em inventar novos começos para o que já conhecemos. Em errância, nos deslocamos com o intuito de buscar nos encontros – sempre imprevisíveis – a matéria-prima de nossa criação, seja ela teórica ou prática, intelectual ou manual.

Desenvolvimento

Como dito, o projeto se desdobra em dois eixos principais: a oficina e a exposição, sendo a primeira já desenvolvida em algumas edições da Olimpíada Estadual de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro, desde 2019. Na descrição da proposta da oficina, provocamos os e as participantes a refletirem conosco, não em busca de respostas, mas de novas perguntas, com a seguinte apresentação:

O que pode a foto(grafia)? O que inventa a foto(grafia)? O que é foto? O que é grafia? O que é fotografia? Como nos diz o fotógrafo francês Cartier-Bresson, “Fotografar é colocar na mesma linha a cabeça, o olhar e o coração”. E sabendo disso, a oficina “Foto(grafar): um exercício de inventar?” é um convite a abrir mente, olhos e coração em um exercício de pensar, coletivamente, uma pergunta relacionada ao tema do evento no qual a oficina se insere. Vivenciaremos uma experiência de pensamento junto à invenção de imagens e escritas provocadas por elas.

Tanto a foto quanto a grafia são comumente entendidas enquanto registros da (nossa) história. Entretanto, pensar nessas formas de registro enquanto invenções é algo que nos provoca e nos move a pesquisar. Começamos a pensar e (nos) perguntar sobre isso e à medida que caminhávamos junto às perguntas, tantas outras foram surgindo e pensamos na possibilidade de provocar outras pessoas a desdobrar seus pensamentos e olhares em fotos e, posteriormente, em escritas provocadas por essas imagens.

Nas oficinas, o objetivo não é levar conteúdos prontos, definições e interpretações fixas, mas criar condições para que cada participante possa sentir, perceber, saborear e questionar o tema proposto, ao seu próprio jeito, em abertura a uma disposição filosófica. Pensamos esse espaço/tempo – muito interessadas nas artes, no potencial criativo e experimental – como uma espécie de laboratório dedicado à criação, onde pessoas se juntam para inventar e estabelecer trocas de saberes e de ideias, que concretizam a experiência do pensamento. Realizando a oficina especialmente com estudantes e professores, nos perguntamos: como a experiência filosófica (re)inventa o nosso vínculo com o lugar onde estudamos/ensinamos? Que outras escolas e universidades podemos dar à luz com a foto(grafia), a foto(grafia) e a filo(grafia)?

Diante dessas perguntas, nos questionamos como poderíamos explorar ainda mais essa dança com o pensamento e a invenção, que se dá no entrelaçar de corpos e ideias. E como uma forma de oferecer novos começos às errâncias propiciadas pela oficina, inventamos a exposição “(An)danças filosóficas: um convite à imagens em errância”, onde apresentamos registros fotográficos que são, primeiramente, rastros e vestígios das (an)danças que fizemos ao longo de nossa caminhada com a filosofia, a arte e a educação. As fotografias passam, então, por um segundo momento, onde entram em composição com materiais, referências, linguagens e estilos artísticos que fizeram parte dessa trajetória. Desse modo, enfeitamos as imagens como forma de continuar e dar movimento a esses registros, costurando memórias e afetos que, por esses territórios, nos atravessaram.

Por fim, em um terceiro momento, expomos o resultado dessas etapas não de forma pronta, acabada, mas entregando-o para a invenção em novos (re)começos e (re)encontros. Sendo fruto das nossas errâncias filosóficas, a exposição, além de apresentar as imagens, não poderia deixar de convidar seus e suas “visitantes-participantes” a continuá-la. Dessa forma, expomos as imagens às interferências, composições, perguntas e invenções que possam surgir desses encontros com quem passar pela exposição e se sentir afetado(a) a nela intervir. Como “exposição errante”, nosso objetivo é convidar os e as participantes e cada novo território, memória e temporalidade por ela atravessados, a inventarem para ela novos começos. Quais as particularidades e potencialidades das fotografias inventadas em cada uma dessas errâncias? O que pode um encontro errante com a fotografia?

Conclusões

Dispor-se a estar sempre (re)começando é uma forma de aventurar-se e de atrever-se na Educação, na Arte, na Filosofia e também na vida. E pensar esse atrevimento junto às imagens e às provocações que elas nos fazem tem sido a força motriz desse projeto, que busca inventar uma (nova) relação de todos esses campos entre eles e também com o mundo. A partir desse movimento criativo e investigativo, pensamos coletivamente novas possibilidades para a filosofia e a educação, utilizando a fotografia e outras diversas expressões das artes visuais como ferramentas para potencializar o exercício do pensar. Integrando um ciclo de constantes (re)invenções, o projeto se apresenta em uma oficina que faz surgir uma exposição que, por sua vez, se (re)começa em uma nova oficina e continua a caminhada sempre em errância.

Seguimos (re)começando e bordando nossas (an)danças filosóficas, repletas de perguntas que se encontram nas fronteiras entre as artes, as filosofias e a educação. Neste pouso, confiamos na “boniteza” (FREIRE, 2020) dos novos encontros, do inesperado e do convite a começar novamente em um evento dedicado a imagens e filosofias em São João del-Rei. O que podemos encontrar nesta próxima (an)dança filosófica? Que novos (re)começos esse evento na UFSJ pode oferecer a essa oficina-exposição?

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

KOHAN, Walter. **O mestre inventor**: Simón Rodríguez. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013